



Morro como um país

CÂNONE SOBRE A MEMÓRIA, A VERDADE
E A JUSTIÇA. CONTRA A FABRICAÇÃO DO
CONSENSO E A POLÍTICA DO ESQUECIMENTO.

ROTEIRO DE FERNANDO KINAS, VERSÃO DE
TRABALHO Nº 5 (FEVEREIRO DE 2013).

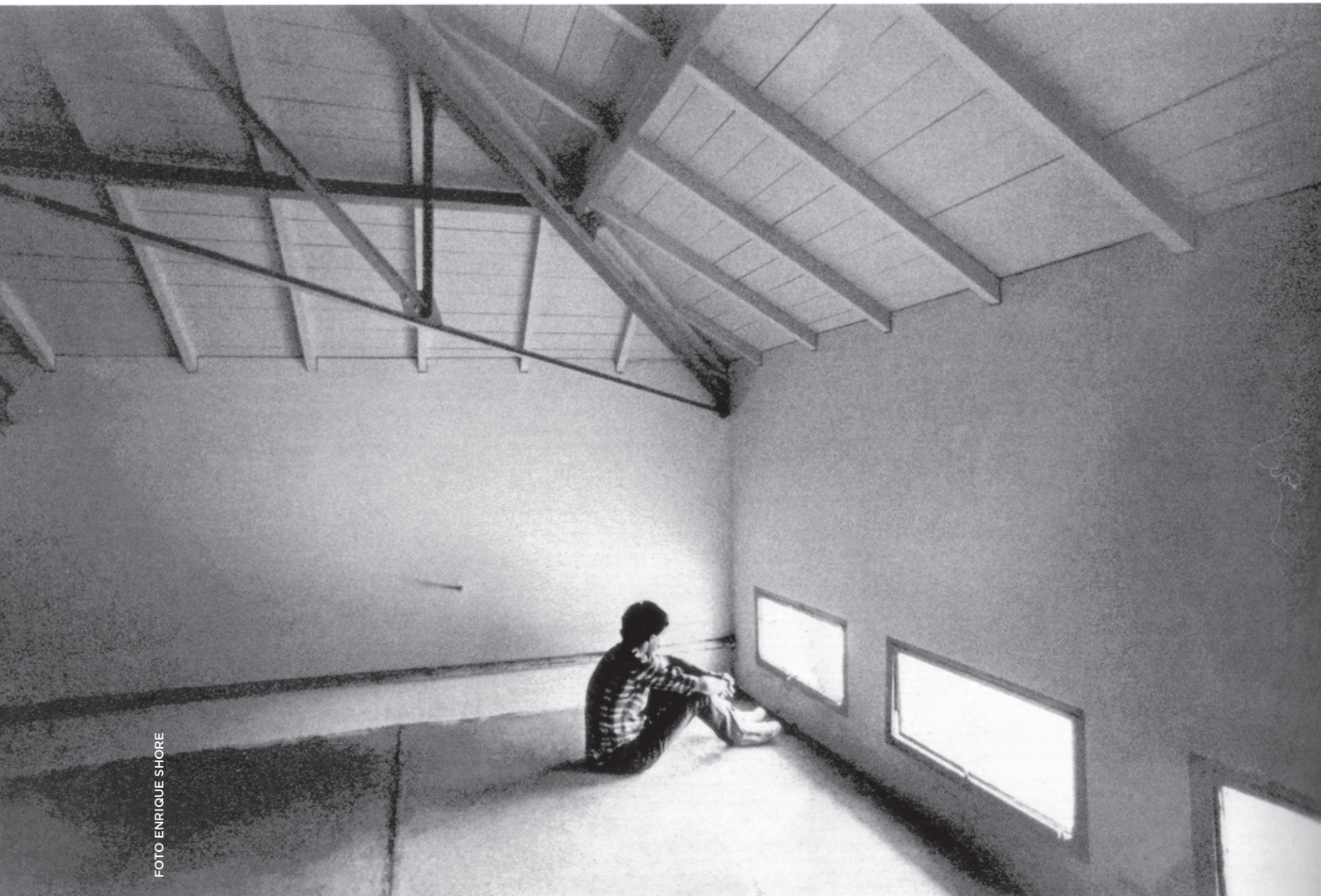


FOTO ENRIQUE SHORE

Sótão da Escola de Mecânica da Armada, em Buenos Aires, onde cerca de 5 mil militantes políticos foram presos e torturados pela última ditadura argentina (1976-1983), a maior parte deles foi assassinada nos voos da morte

No espaço cênico há um manequim articulado com 1,80 m, uma bateria (chimbal, prato de condução, caixa, surdo, tom-tom, bumbo), uma área que funciona como camarim (espelho, luzes, maquiagem, figurino), uma cadeira, um aquário ou tanque com água e um refletor com tripé. No fundo, um relógio de barbearia com mostrador e mecanismo invertidos. Há também no espaço quatro porta-chapéus, uma bancada para objetos e uma área demarcada no chão medindo cerca de 1,50 x 1,00. O manequim será usado como figura de poder, autoridade e violência. A bateria, como espaço da indústria do entretenimento. O tempo avança recuando. Na entrada do público são projetadas imagens com áudio de ataques norte-americanos no Iraque, especialmente as que mostram “danos colaterais”.

CENA 1 • Apresentação

[A atriz está vestida com vinte camisetas sobrepostas, nelas estão estampadas fotografias de vítimas da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) e das chacinas de maio de 2006, no Estado de São Paulo]
[Termômetro na boca]

Boa noite. Meu nome é Fernanda Azevedo. Eu nasci em 1973, na cidade do Rio de Janeiro. Há sete anos eu moro em São Paulo. Eu trabalho, quando possível, como atriz. Eu tenho uma sobrinha e um sobrinho pequenos. Eles ainda não sabem o que significa a palavra ditadura. *[Olha para o relógio na parede]* São 21 horas e 12 minutos. *[Tira o termômetro]* A minha temperatura agora é de 36,7 graus.

CENA 2 • Escorrer

[Música Come Out de Steve Reich (1966). “I had to, like, open the bruise up and let some of the bruise blood come out to show them.”]

As imagens que vocês acabaram de assistir são de um ataque dos Estados Unidos em Nova Bagdá, no Iraque, em 2007. O saldo deste ataque foi doze civis assassinados — pessoas que estavam desarmadas — e duas crianças feridas. O exército informou inicialmente que todos eram insurgentes e que foram mortos em combate. Décadas antes, em 1964 — eu, Fernanda, que nasci em 1973, tinha menos nove anos — o jovem negro norte-americano Daniel Hamm foi preso pela polícia numa rebelião no Harlem. Ele disse o seguinte:

[Música Come Out de Steve Reich (1966). “I had to, like, open the bruise up and let some of the bruise blood come out to show them.”]

Eu tive que abrir um ferimento que eles tinham me causado e deixar o sangue escorrer para eles verem. Eles eram a lei, a ordem, o Estado, a polícia.

[Música Come Out de Steve Reich. Tira uma a uma as camisetas]

CENA 3 • Fase e defasagem

[Música Piano Phase de Steve Reich. A atriz se aproxima do manequim. Ela faz o exercício dos 12 tempos, baseado na biomecânica de Meierhold, e modifica algumas vezes a posição dos braços do manequim]

CENA 4 • Nada a fazer. Distopia crítica

[Atriz na bateria]

Nada a fazer.

[Atriz coloca um fone de ouvido e acompanha a música Street Fighting Man, versão de Rod Stewart. Retira o fone e inicia o texto, baseado em The site, de Edward Bond]

Sem justiça nossa fome cresce até que devoremos a terra.

Os rios secaram — os mares viraram esgotos onde ratos nadavam e comiam os peixes

Tempestades varreram montanhas — arrancaram as raízes das florestas — as árvores agarraram a terra com suas garras — cidades foram reduzidas a trincheiras de destroços onde canibais criavam os filhos para os comer — e a tempestade varreu a poeira humana em colunas e gemeu com a fome que havia neles Naquele dia todas as consciências do mundo foram esvaziadas — apagadas

O vazio durou um segundo ou horas ou sempre Quem pode dizer quanto durou quando não há passado — nenhum lugar — nenhuma origem?

Quando o medo prende o pensamento em um momento e a comida cai da boca aberta e a fome aumenta? Quanto mais eles comiam mais fome tinham e mais medo Não havia passado — nenhum futuro — nenhum lugar — nenhuma origem

Os mortos não precisavam do seu esqueleto e no momento do vazio os vivos não precisavam da sua carne A humanidade morreu

Então construíram-se as prisões

Então as casas foram derrubadas — não por raiva mas por serem um impedimento para as prisões

A administração administrava em lugar nenhum e as pessoas eram um estorvo para a administração – um inconveniente para o exército

Os mortos foram encerrados em um vasto mega subúrbio sem centro – eles uivavam como forma de comunicação

Os famintos foram trancados numa grande cidade -prisão – como castigo eram obrigados a rir

Os ricos se fecharam em um gueto – eles brincavam com brinquedos que os ensinavam a odiar – eles eram mandarins da truculência

A imaginação é mais lógica do que a razão

Quando a razão destrói a imaginação nós enlouquecemos

A imaginação cria a loucura ou a humanidade

Nós partimos em uma direção e viajamos na outra

É como se passássemos nossa vida de costas **[aponta para o relógio na parede]**

Nós escalamos um abismo e sabemos que devemos cair
Nossos filhos são nossa morte

26

Como podemos viver nesse paradoxo? Como podemos transformar a catástrofe em liberdade? Como podemos transformar o crime em justiça? Como podemos reverter todas as leis? É fácil: o reverso de todas as leis é a justiça

Um dia a humanidade morreu

Não havia futuro – nenhum lugar – nenhuma origem
Ninguém poderia cruzar consigo mesmo descendo a rua

A água não tinha reflexo

Todos os que são ou foram ou serão estão no portão [gateway]

Eles estão em você e você está neles – os nus e quebrados e inteiros

A fome deles é a sua fome e a sua fome é a deles

Se você não busca a justiça aqueles que virão depois de você carregarão a sua dor e morrerão pelas suas feridas
E então você precisa carregar a dor deles ou morrer de fome

A fome de justiça nos faz humanos

A justiça é o reverso de todas as leis

A justiça é o reverso de todas as leis

[Atriz volta a colocar o fone de ouvido. A música retoma e a atriz toca a bateria]

[Atriz tira o fone e deixa a bateria, antes, porém, diz o texto final]

O que pode fazer uma pobre moça a não ser tocar numa banda de rock?

[Final da cena e da música]

CENA 5 • Morro como um país

[Música Variações sobre Wilhelmus Van Nassouwen. Jacob Van Eyck, a partir de Philippa de Marnix, ca. 1595]

Naquele ano, nenhuma mulher deu à luz. Foi assim nos anos seguintes, até que uma geração inteira acabou, sem que ao mundo viesse uma nova geração.

(...) À exceção de algumas pouco numerosas reações violentas a esta calamidade devastadora, que muitos, mais tarde, designaram por Idade Média da Mátria [...] todos os outros, habituados à contenção, refreavam o seu desespero e só em privado davam voz às explosões do seu terror, que os fazia, à noite, despedaçar as almofadas a dentadas, escrever cartas furiosas e incoerentes a Deus ou ao próprio mal, implorando a ele para se retirar ou ameaçando atacá-lo frontalmente como São Jorge, ou ficar horas inteiras imóveis e impassíveis, murmurando antigas canções nostálgicas, roendo raivosamente as unhas ou golpeando-se profundamente com uma lâmina em pontos do corpo escondidos e sensíveis, até correr o sangue necessário para satisfazer a necessidade vital de sacrifício humano ou de autopenição.

Porque a guerra que, com breves intervalos, enganadoras tréguas, durava há mais de mil anos, tinha tido, nos últimos meses, uma virada decisiva. E parecia encaminhar-se, aceleradamente, para o seu fatal desfecho. Como a quase póstuma recuperação, por um lapso de tempo imprevisível, de uma doença incurável, que, no entanto, se declara repentinamente em todo o território devastado do abusado corpo,

arrancando a carne dos ossos, numa convulsão semelhante a uma total demência orgânica das articulações da máquina humana.

Foi dito que de um momento para o outro (embora este processo tenha durado séculos) uma mudança radical e irreversível se tinha produzido, o que foi confirmado pelo discurso do Presidente da República – em tom grave e supostamente imponente (um ex-imperador mostrando, piolhento e cheio de arrogância, a sua cabana em ruínas que ele designa como o seu *Imperium*). Aqueles que ouviram o discurso presidencial (porque não foram poucos os que mudaram de canal), lançaram os piores insultos ao presidente, ao seu discurso e ao país, incitando até as próprias crianças a repetirem as injúrias em cadência, batendo palmas todas juntas. Velhas que tinham vivido, vezes sem conta, acontecimentos desse gênero, que tinham vivido massacres, cidades tomadas de assalto, êxodos, invasões de toda a espécie de bárbaros ou de civilizados, perseguições e sujeições, cidades florescentes, florestas densas e férteis planícies queimando-se como tochas, sem que nada do labor de gerações e gerações fique de pé, moças violadas em casas em ruínas, dez e vinte vezes numa hora, por soldados enfurecidos e depois evisceradas à baioneta, bebês decapitados num instante por espadas ou metralhados à queima-roupa nos braços das suas mães, famílias expulsas dos seus lares e dizimadas por rajadas, em série, como pardais [...] e rapazes com meio centímetro de pelo no peito, a ira de Zeus em toda a sua força concentrada nos órgãos que provocam a mais potente exaltação dos sentidos, que eram alinhados, em grupos de cinquenta, frente aos pelotões de fuzilamento, com o único objetivo de anular a semente da vida dentro deles e de as águas se tingirem de sangue como cravos vermelhos, e homens enlouquecidos por insuportáveis desgraças, negros de lágrimas, que corriam, aqui e ali, uivando como chacais e rasgando as suas faces na vertigem implacável em que se revela este vazio escaldante que é a vida, no pesadelo da transgressão desse limite que a torna tão insuportável como um punhado de brasas ardentes na boca, velhas que nem elas mesmas sabiam dizer quantos anos tinham,

transportadas como relíquias de santos muito antigos e anônimos no teto dos carros, em vez de levantarem a mão para fazerem o sinal da cruz, ouvindo os apelos angustiados do Presidente da República, cospem na palma das mãos e fazem, todas juntas, abanando a cabeça, com ar de conhecedoras, o gesto que os homens fazem, pequenos ou grandes, com a mão direita, para designar alguém a quem as punhetas acabaram com o cérebro.

[Pausa]

(Nesses momentos, nada era mais vago do que a palavra esperança, nada mais obscuro do que o seu significado); a súbita sensação de asfixia, de impasse, de armadilha, de contração, de cerco, de sufocação, fez com que as populações, as que tinham ficado nas cidades, bem como as que tinham invadido todas as passagens para as montanhas, rodopiassem interiormente sobre elas mesmas, até ao momento em que todos sem exceção se imobilizaram e permaneceram à espera.

Quem não viu as pessoas morrerem nas ruas marteladas por uma mão invisível não pode compreender o que representa, o que é a morte de um país, tal como aquele que não sentiu o seu próprio corpo inexistente, desperdiçado, injustificado, insignificante, indesejável, insaciado, a sua famosa força motora interrompida, quebrada, cortada pelo fogo intestino da emoção. Mas também o fato de contemplar uma morte tão vasta como esta, coletiva, da nação, equivale a esgotar toda a vida.

Era nessas horas que se efetuava para sempre a transmissão de um ciclo histórico para outro, irremediavelmente. Pelo riso.

(...) E naquele ano em que nenhuma mulher deu à luz, em que os homens iam dois a dois pelas ruas e nos cafés, e escarravam no rosto uns dos outros como se cada um escarrasse, contudo, no seu próprio rosto e depois partiam abraçados e acasalavam entre eles, em porões escuros ou em tépidas lavanderias, onde as mulheres frenéticas os não podiam encontrar, a epidemia da esterilidade bem cravada em suas entranhas. Foi nesse ano que ocorreu a maior parte das conspirações nas mais

altas esferas do Estado, vendiam-se maços de deputados, passavam, pavoneando-se, para o partido diametralmente oposto, com o objetivo de satisfazer ambições pessoais ou familiares [...] os patriotas e os nacionalistas fanáticos punham fortunas inteiras em lugar seguro, no estrangeiro, com ajuda de regimes que se espelhavam mutuamente e que alguns deles mantinham no poder pelo seu dinheiro e suas relações (...) Os governos mudavam a uma velocidade vertiginosa numa sucessão de fracassos, de crimes e de inúmeras formas de impotência que levavam à beira da ruína espiritual, os partidários exasperados de políticos defuntos, retirando-os dos seus túmulos e erguendo-os nos caixões enlameados, passeavam-nos pelas ruas, reivindicando, com slogans extremistas, o seu regresso à vida política, porque só eles podiam salvar o país do desaparecimento total, (...) intelectuais fanatizados, do alto de suas varandas, incitavam as multidões estupefatas a negar a vida, a não se alimentar a não ser de raízes, a reproduzirem-se dormindo com estátuas mutiladas, num desvio sentimental e ideológico semelhante ao daquelas pessoas que se esforçavam por intervir na escaldante realidade. Os assassinatos atingiram uma frequência, uma crueldade inconcebíveis, as pessoas desapareciam para sempre, durante a noite, e nunca mais ninguém ouvia falar delas, valas comuns foram abertas em cemitérios dos subúrbios das cidades, onde eram lançadas massas de corpos ceifados. Por todo o lado eram construídos pelotões de fuzilamento improvisados que disparavam em nome da integridade nacional, da independência nacional, da grandeza da raça.

[Pausa]

As leis, suprimindo-se elas próprias, foram revogadas. As instituições foram invertidas, o seu exato oposto entrou em vigor.

Novos crimes de instinto foram criados, enquanto os antigos, seculares, deixando de suscitar escárnio, foram reconhecidos como suporte do Estado, tanto na sua política interna como externa. (...) O crime tornou-se legal, constituindo-se, a partir daí, a pedra angular de qualquer manifestação pública.

As palavras adquiriram uma intensidade sem precedente, a ponto de todo mundo refletir longamente antes de as escolher, porque algumas delas podiam queimar a língua para sempre.

A esterilidade das mulheres e a imaginação febril de um povo inteiro, a falência definitiva da dignidade e da integridade nacionais e o número incessantemente crescente de doentes e de desesperados faziam pensar (...) nestas palavras: “Este mal não se podia descrever com palavras, porque estas dores ultrapassavam as forças humanas”.

Desta vez a ocupação duraria muito mais do que a resistência empenhada de tempos imemoriais, que tinha alimentado lendas, contos, canções, epopeias, romances, bailados, trilogias e tetralogias teatrais... e agora tudo aquilo estava afundado, para sempre, numa lama negra.

O mapa das cidades foi redesenhado, tudo foi arrasado e depois reconstruído. A exploração do subsolo passou para outras mãos. (...) O nome do país mudou. O novo não lembrava em nada, o antigo (...)

[Pausa. Música Variações sobre Wilhelmus Van Nassouwen. Jacob Van Eyck, a partir de Philippa de Marnix, ca. 1595. Atriz olha o relógio na parede que segue imperturbavelmente recuando]

A ocupação, de fato, durou séculos. O tempo necessário para que as tradicionais fronteiras do país desaparecessem, absorvidas no seio da vasta reorganização que, daqui para frente, recobriria todo o planeta – porque a língua deixou um dia, como se tinha projetado, de ser falada e pôs-se a existir como uma relíquia. Algumas delas descrevem a esterilidade das mulheres desse ano. São as páginas de um capítulo onde se podem ler, sob o título “Testemunhos do Tempo da Grande Derrota”, diversos documentos daquela época com os seus horrores. Se bem que elas permanecem totalmente inexploradas, ninguém empreende o seu estudo científico – aceita-se o fato de que terminou de um modo bastante convincente para satisfazer totalmente, pelo menos segundo os historiadores, as exigências da ciência. E isso basta para aqueles que veem



na humanidade este fenômeno universal que produz círculos eternamente, ciclos que desde que se fecham chegam para justificar o seu produtor. Nestes ciclos, sabemos bem, os gritos individuais não são ouvidos. Detesto este país. Devorou-me as entranhas. Eu digo a você, porque desejamos juntos que estas entranhas fossem fecundas, e este desejo nos uniu durante noites e noites... e às outras horas do dia, quando um milagre, de súbito, nos fazia esquecer o terror que corria nas ruas como nas nossas veias... Os noticiários de pesadelos que nos impediam até de nos olharmos.... lidos por apresentadores completamente loucos... os uivos que se sobrepunham até às sirenes das ambulâncias... jamais eu teria acreditado que a voz humana pudesse atingir tais alturas. Agora eu me apresso para dizer algumas coisas e essas palavras serão as últimas que você receberá de mim.

Detesto este país.

Ele me devorou as entranhas, devorou. Eu o detesto. Detesto-o, detesto-o. Uma mulher não pode viver com semelhantes entranhas dentro dela. Quanto mais eu penso nisto, mais vontade tenho de me vomitar. Eu me sinto como vomitado. Provavelmente é o que eu sou. Eu não quero ser um país. Eu não sou um país. Eu

não quero ser este país. Este país é necrófilo, comedor de merda, gigolô, assassino. Eu quero ser a vida, eu quero viver, eu queria poder viver, eu seria feliz agora se eu quisesse viver... Mas este país não me deixa querer, não me deixa ser a vida, dar a vida. Como um câncer, devorou os meus seios, o meu cérebro, os meus intestinos, rolou todas as pedras nos meus rins e os devastou, conspurcou todas as fontes por onde devia correr o meu leite, reuniu toda a sua terra nas minhas veias e me apodreceu o sangue, se pôs inteiro no meu coração e o devastou a força de enfartes e de embolias. Os seus costumes demoliram-me os pulmões, a sua história me fez tremer, da cabeça aos pés. Sua forma é de um ancinho que se crava nos meus olhos, de uma enorme agulha que me perfura o crânio, de um rochedo pendurado na ponta dos meus cabelos que me carrega para um mar de lágrimas... e eu sinto sempre o seu jugo sobre a minha nuca, a minha língua está sempre atada pelo seu balbuciamiento, tenho suores frios só de ver a sua vulgaridade...

seu apego aos fantasmas, seus cadáveres, seus caixões, os seus crimes... Este país é a nossa peste. Ele nos matará, nos liquidará. Como escapar? Ele bebe o nosso sangue. Não me deixa mais dormir, me roubou o sono. Como eu vou viver sem sono?

[Pausa]

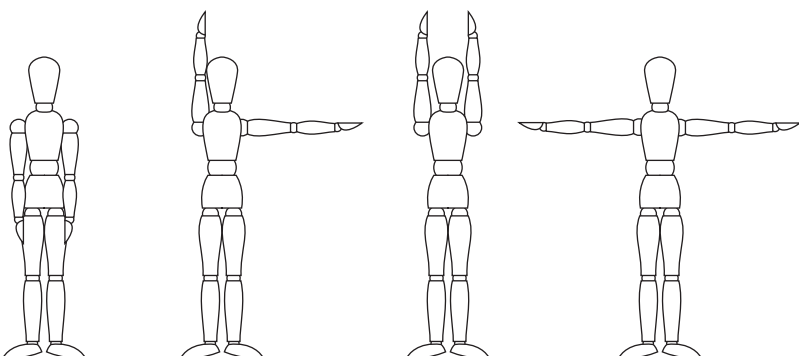
Todo o esperma de todos os homens da terra não poderia reanimar este oco do meu corpo de onde começa a vida humana... você esvaziou toda a sua vida em mim, mas você me deixou sem vida. Me insemina, mas a tua semente não fecundará nunca. A sua semente já não pode fecundar... Nunca mais a vida sairá de nós... País de merda! Eu só queria uma coisa, tê-lo aqui à minha frente e estrangulá-lo com as minhas próprias mãos. Se eu o pudesse matar! Ele fez com que os assassinos atingissem as nossas matrizes e as tornassem ocas como túmulos, os porcos, são todos uns porcos! Por onde começar? Todos assassinos, todos, por causa deles sinto a necessidade do maior dos crimes, de um massacre sem fim, massacre sem fim... como é que nós resistimos aqui, como é que ainda não

enlouquecemos com este cão, este garrote, este mata-douro, esta forca. Com os seus carrascos oficiais que fazem discursos oficiais nas cerimônias oficiais perante outros carrascos oficiais. Cada um dos seus poros é um estilete, cada uma das suas extremidades um punhal, cada milímetro da sua pele uma ratoeira, está coberto de facas cortantes, este covil de assassinos, de escroques, de imbecis, esta toca de covardes. Enterramos a cabeça na sua merda, nos dá coices furiosos, você nos arreventa, nos estrangula, nos condena, você nos mata, vendida, estrume, canalha, envenenadora, ninho de víboras, cadela piolhenta, boêmia incestuosa que não faz mais que macaquear tudo, que só tagarela, bruxa, ave agourenta, já não te suporto, já não a suporto mais, a assassina infanticida, a pestilenta, a coxa, a vesga, o estorvo! Já não posso suportar nada mais dele, nada mais, nada mais, detesto-o, detesto-o, detesto-o, ah! Detesto, detesto, detesto, vou morrer, monstro, eu te odiarei sempre, sim, o ódio borbulha em mim, eu quero escrever hinos contrários aos que foram escritos até agora sobre ele, fuzilá-lo a cada palavra, enterrá-lo como um cão com as minhas próprias mãos... já não sou mais mulher... E você, você já não é homem... Ele nos levou tudo... Mas o que sobrá dele sem nós? A sua terra tomou a minha forma... O meu corpo tem agora as suas dimensões... Eu tenho em mim o seu destino... Morro como um país.

[Pausa]

CENA 6 • Refase e redefasagem

[Música Piano Phase de Steve Reich. Interrompida depois de 15 segundos. Recomeça. A atriz se aproxima do manequim. Ela faz o exercício dos 12 tempos e modifica uma vez a posição dos braços do manequim. A música termina num longo fade.]



CENA 7 • Eu sou os que foram “Se não dançam todos, não dança ninguém.”

Meu nome é Mauricio Rosencof, eu tenho 38 anos e sou um dos fundadores dos Tupamaros, no Uruguai. Eu fui preso em Montevideo em 1973 – o ano em que eu, Fernanda, nasci – e fui torturado durante nove meses. Eu fiquei onze anos em solitárias. Em todos esses anos eu enxerguei a luz do sol, no máximo, durante oito horas. Oito horas em onze anos. Eu soube do golpe militar chileno com três anos de atraso. Eu nunca vi o rosto de outro prisioneiro. Eu vivi em celas de três metros quadrados [vai até o espaço marcado no chão] e perdi a noção das cores, muitas vezes eu tive que matar a sede com a minha própria urina. Eu resisti sonhando com passeios. Quando eu era levado para as sessões de tortura, eu me lembrava da minha filha, dos judeus do gueto de Varsóvia, e eu recitava: “Eu sou os que foram”
“Eu sou os que foram”.

CENA 8 • Salir corriendo

[Música Salir corriendo (Amaral). A atriz, na verdade, é Carmen Miranda!]

CENA 9 Uniforme: humilhação e despersonalização

[Ver Pedacos de morte no coração, Flávio Koutzii, p. 36]

O uniforme [aqui a referência é, também, ao “uniforme” de Carmen Miranda, da cena anterior, cuja saia está frouxa e precisa ser constantemente segurada] tinha duas funções: fazer com que o aspecto externo igualasse todos os prisioneiros, quebrando mais um elemento de identidade e torná-los todos desformes, pelo uso de uma vestimenta grosseiramente costurada, como um saco, um tecido ordinário (um mais leve para o verão, e um segundo mais espesso para o inverno). A obrigação de usar os uniformes completava-se pela proibição de retoques. Em algumas prisões se podia obter fio e agulha, mas todo ajustamento destes uniformes ridículos era motivo de punição. A troca de



Selo postal
impresso nos EUA
em homenagem à
Carmen Miranda

uniforme de verão pelo de inverno também era decidida pelas autoridades. Uma prática corrente da administração penitenciária consistia em deixar um mês a mais o uniforme da estação passada, levando os prisioneiros a sofrer de frio com uniforme de verão no início do inverno, e sofrer de calor com uniforme de inverno durante o início do verão.

Manual de interrogatório da CIA, 1963 [*Ver Manual Kubark, p. 86*]:

Normalmente as roupas do prisioneiro são imediatamente retiradas, porque o vestuário familiar reforça a identidade e, portanto, a capacidade de resistência. Prisões fazem cortes de cabelo curtos e exigem o uso de uniformes por este motivo. Se o interrogado for especialmente orgulhoso ou organizado, pode ser útil dar a ele um uniforme que seja um ou dois números maior e não fornecer cinto, de modo que ele precise segurar as calças.

[*Canta a capela, deixa a saia cair algumas vezes*]

Me disseram que eu voltei americanizada
Com o burro do dinheiro
Que estou muito rica
Que não suporto mais o breque do pandeiro
E fico arrepiada ouvindo uma cuíca
Disseram que com as mãos
Estou preocupada
E corre por aí
Que eu sei certo zum zum
Que já não tenho molho, ritmo, nem nada
E dos balangandans já “nem” existe mais nenhum

[*Toca a introdução de um samba*]

Mas pra cima de mim, pra que tanto veneno
Eu posso lá ficar americanizada
Eu que nasci com o samba e vivo no sereno
Topando a noite inteira a velha batucada
Nas rodas de malandro minhas preferidas
Eu digo mesmo eu te amo, e nunca “I love you”
Enquanto houver Brasil
Na hora das comidas
Eu sou do camarão ensopadinho com chuchu



Charge do cartunista francês Plantu

CENA 10 • O tempo avança recuando

32

[A atriz olha para o relógio na parede. Começa a tirar o “uniforme” de Carmen Miranda]

O tempo avança recuando.

CENA 11 • Mãe

[Ver Alípio Freire, Tiradentes – Um presídio da ditadura, p. 19]

A minha mãe sempre foi solidária comigo, e conosco, naqueles tempos da nossa passagem pelo presídio Tiradentes. Mais do que solidária até, pois ela foi uma espécie de pombo-correio, levando e trazendo documentos clandestinos que eram lidos e discutidos por muitos de nós lá dentro... Uma pessoa de inegável grandeza... E ela não era uma militante política de esquerda... Tinha formação udenista conservadora... Mas desde o meu engajamento no movimento estudantil, ela foi aos poucos se interessando por aquele processo que nós vivíamos e que, por fim, me levou à cadeia... A gente conversava

muito durante os períodos em que ela me visitava... Em duas semanas seguidas de 1972 – eu, que nasci em 73 tinha “menos um ano” – aconteceram mortes muito próximas de nós... que nos atingiram muito pessoalmente... Minha mãe tinha formação religiosa e depois daquelas mortes ela me disse o seguinte: “Sabe que vocês têm razão?”... Eu não sabia sobre o que ela estava falando, pois ela costumava nos dar razão em tudo... Eu então perguntei no que é que nós tínhamos razão... Ela respondeu com muita firmeza e convicção: “Deus não existe!”... Ri, com alguma surpresa, e ela concluiu: “Mas só que, com a idade que eu tenho, eu não posso assumir isso, senão minha vida perde todo o sentido até agora... Eu me desestruturo se eu avaliar toda a minha vida anterior a partir dessa constatação”... Eu respondi para ela que com Deus ou sem Deus, isso não tinha a menor importância... Que ela continuasse a fazer o que estava fazendo, da maneira como vinha fazendo, que estava tudo ótimo...

CENA 12 • Sabotagem

[Música homônima dos Beastie Boys. Participação dos Estados Unidos no golpe de 31 de março de 1964. Imagens de documentos oficiais]

CENA 13 • La libertad

LIBERTAD. LIBERDADE.

O principal presídio durante a ditadura uruguaia se chamava *Libertad*.

Próxima cena!

CENA 14 • Quantos incêndios são necessários para se contar uma história?

[Música London, London de Caetano Veloso. UNE 1964, USP Maria Antônia 1968, favelas de São Paulo 2012. Mágica com flash paper]

Quantos incêndios são necessários para se contar uma história?

CENA 15 • Mães de maio

[Ver Do luto à luta, p. 27, Ednalva Santos, mãe de Marcos]

Eu nem sei por onde começar, mas eu vou tentar explicar o inexplicável. A minha vida sem meu filho é o mais sem sentido dos sentimentos. O vazio é um verdadeiro poço sem fim. Meu filho era um rapaz saudável, de pouca conversa, mas muitos amigos. Até que apareceram os Ninjas, policiais sem escrúpulos escondidos atrás de toucas, para tirarem a vida do meu filho. Estes marginais de farda mataram meu filho no Dia das Mães, em 2006. Hoje essa celebração para mim não existe mais. Por causa da luta das Mães de Maio ao longo desses anos, eu já cheguei a parar até na cadeia, acusada de tráfico de drogas, enquadrada por policiais que forjaram a acusação pois querem que eu pare de falar que foram eles que mataram meu filho.

Foram eles que mataram meu filho.

CENA 16 • O tempo avança recuando

[A atriz olha para o relógio na parede]

CENA 17

Pentatol sódico – O soro da verdade

“Do lado de lá está a verdade” [aponta para a frase colocada em um lado da plateia]. “Do lado de lá está a mentira” [aponta para a frase colocado do outro lado da plateia]. Se a frase “do lado de lá está a verdade” é verdadeira, é verdadeira a frase “do lado de lá está a mentira”. Mas se a frase “do lado de lá está a mentira” é verdadeira, a frase “do lado de lá está a verdade” é falsa. Se é falsa a frase “do lado de lá está a verdade”, do lado de lá está a mentira... [e assim por diante]

Pentatol sódico é uma substância química que provoca efeito de sedação e desorientação. Ela era aplicada na veia dos prisioneiros políticos, durante a ditadura militar, para que eles confessassem seus supostos crimes.

CENA 18 • 21 anos em preto e branco

[Música Ponteio 45 de Camargo Guarnieri e projeções sobre a violência de Estado e a ditadura militar brasileira de 64-85]

CENA 19 • Como respirar com um saco na cabeça – a revanche

[Música Eu te amo, meu Brasil. A atriz respira durante o tempo da música com um saco plástico na cabeça. Depois ela o retira e sorri]

CENA 20 • Morto-vivo – o jogo

Instruções:

IDADE – A partir dos 4 anos.

MATERIAL – Nenhum.

ATIVIDADE – O condutor irá dispor as crianças enfileiradas na horizontal, cada vez que o condutor falar MORTO, as crianças devem se agachar e quando ele falar VIVO elas devem se levantar. O condutor deve ir falando cada vez mais rápido para que as crianças se confundam, quem errar sairá da brincadeira até que fique apenas o vencedor. Depois a brincadeira recomeça. OBJETIVO – Integrar a turma; observação; atenção; agilidade; percepção auditiva; reflexos rápidos.

Variação das instruções:

Vivo-Morto, Sol-Chuva ou Terra-Mar: os três nomes são referentes a uma mesma brincadeira com algumas mudanças. Ela é muito utilizada por palhaços em aniversários de crianças. Não é nada complicada e serve para todas as idades, só precisando de um “chefe” que vai comandar a brincadeira.

Desenvolvimento:

O chefe passa a falar aleatoriamente: “Vivo” ou “Morto”. No caso de “vivo” ou “sol” (que é uma variação) os participantes devem manter-se de pé. Quando ele gritar “morto” ou “chuva” os participantes devem abaixar-se, ficando acorados. À medida que o tempo for passando, o chefe vai alternando a velocidade com que dá as ordens, tentando confundir as crian-

ças, por exemplo: “Morto”, “Morto”, “Morto”, “Vivo”. Para dificultar ainda mais, ele também pode começar a fazer os movimentos de se abaixar e levantar, porém com os comandos invertidos. Por exemplo: vivo, vivo, morto...

Variante Terra/Mar:

No caso de Terra/Mar, a brincadeira funciona da mesma forma, só que uma linha deve ser traçada no chão (faz-se isso com um giz ou utilizando uma corda), então um lado é considerado a Terra e o outro é o Mar, os participantes começam na terra, então o orador começa a gritar “Terra” ou “Mar”, e os participantes ficam pulando de um lado pro outro da corda! Vale lembrar que o grito pode ser ‘repetido’, por exemplo: “Terra, Mar, Mar, Terra, Terra, Terra... MAR.”

CENA 21 • Voos da morte

34

[Silêncio. Projeção de fotos e do seguinte texto: “Voos da morte. | Durante a ditadura civil-militar argentina (1976-1983) centenas de prisioneiras e prisioneiros políticos foram lançados vivos, de aviões, no rio da Prata e no Atlântico. | Vários corpos foram encontrados nas costas do Uruguai e da Argentina. | A memória destas pessoas e das suas lutas, e a busca por justiça, continuam vivas.”]

CENA 22 • Brasil 64. Ruanda 94

Nós não estamos em paz!

[Músicas Domani partiamo/Acquaragia Drom + Cavaleiro andante/Abílio Manoel]

CENA 23 • Geisel assassino

Esta é uma cena “lenta, gradual e segura”. Eu vou ler a transcrição de uma conversa do General-ditador Ernesto Geisel com o tenente-coronel Germano Arnoldi Pedrozo:

“‘Pegaram alguns?’ perguntou Geisel. ‘Pegamos. Pegamos. Foram pegos quatro argentinos e três chilenos;”



respondeu Pedrozo. Geisel: ‘E não liquidaram, não?’ Pedrozo: ‘Ah, já, há muito tempo. É o problema, não é? Tem elemento que não adianta deixar vivo, aprontando. Infelizmente, é o tipo da guerra suja em que, se não se lutar com as mesmas armas dele, se perde. Eles não têm o mínimo escrúpulo.’

[Lembrar da frase de Jarbas Passarinho na votação da AI-5: “Às favas todos os escrúpulos de consciência”]

Geisel: ‘É, o que tem que fazer é que nessa hora tem que agir com muita inteligência, para não ficar vestígio nessa coisa.’

Com o General Dale Coutinho é esta a conversa, eis a transcrição:

Geisel: “Eu não abro mão do Ato no 5. O Ato no 5 é um cajado. Eu sou besta de abrir mão desse negócio? Eu sei lá o que que vem. Como essa história de abertura e descompressão. Ah, eu sou um sujeito profundamente democrático. Toda a minha vida fui. Eu sempre fui um homem muito simples, despido de coisas, e cansei de ir com minha mulher fazer compra na feira. Agora, não sou nenhum burro de amanhã fazer uma vasta abertura, fingir aí uma democracia e depois ter que recuar dois, três, quatro passos. Eu não vou recuar. Eu só vou caminhar para a frente, devagar, para não ter que recuar, não é? Seria uma beleza eu chegar: não há mais censura, e agora o troço é à vontade, e a Câmara vota como quer, e não sei o quê. E no dia seguinte está o estudante fazendo bagunça na rua, está o padre fazendo comício, sei lá o quê.”

Eu vou ler o último trecho desta conversa:

Geisel: “O Brasil hoje em dia é considerado um oásis.”

Dale Coutinho: “Ah, o negócio melhorou muito. Agora, melhorou, aqui entre nós, foi quando nós começamos a matar. Começamos a matar.”

Geisel: “Porque antigamente você prendia o sujeito e o sujeito ia lá para fora. Ó Coutinho, esse troço de matar é uma barbaridade, mas eu acho que tem que ser.”

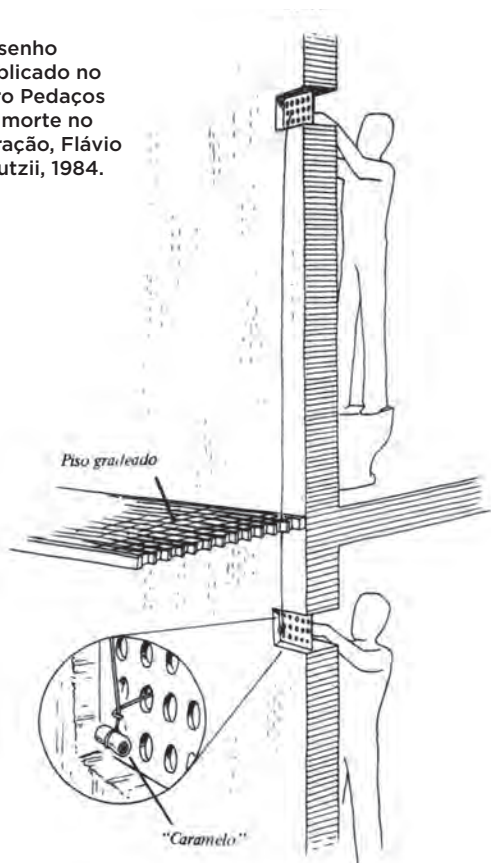
[Música “O Brasil é Meu”. Grupo de samba de parceria da Mussuca, ex-quilombo de Sergipe. Sangue!]

CENA 24 • As amigas Teresa e Palomita

[Ver Pedacos de morte no coração, Flávio Koutzii, p. 107]

[Teresa e Palomita são os nomes dados a uma técnica de comunicação inventada pelos presos, comuns e políticos, nas prisões do Brasil e da Argentina. Esta cena exemplifica o dispositivo de comunicação. Os bilhetes, ou “caramelos”, fazem parte de um contrassistema. Distribui-se ao público o desenho da técnica utilizada em um presídio argentino durante a última ditadura (1976-1983)]

Desenho publicado no livro Pedacos de morte no coração, Flávio Koutzii, 1984.



CENA 25 • Os mares verdes do Brasil – outra revanche

[Hino da Marinha do Brasil (“Cisne Branco”). A atriz respira durante todo o tempo da música com a cabeça dentro de um aquário ou tanque com água. Depois sorri, talvez assovie]

A música que estava tocando é o Hino da Marinha do Brasil. Esta é a nossa cena 25 e ela se chama “A revanche”.

CENA 26

Passado abandonado jamais se torna passado

[Antígona, segundo Sófocles e Brecht]

Antígona: Passado abandonado jamais se torna passado.

Creonte: A guerra terminou.

Tirésias, o cego: Será mesmo? Eu estou perguntando! Eu só vejo o que uma criança vê: que o bronze das colunas da vitória é bem delgado. E digo: é porque ainda se fabricam muitas lanças. Costuram-se agora muitas peles para o exército, e digo: é como se viesse o outono. E se pusesse o peixe para secar, esperando uma campanha de guerra de inverno.

[A atriz]

Pode parecer inabitual a linguagem deste poema de mil anos. Desconhecido é o seu assunto. Permitam que eu o apresente a vocês. Eu sou Antígona, Princesa da estirpe de Édipo. Este aqui é Creonte, tirano da cidade de Tebas, e tio de Édipo (que não aparece na peça). Este é Tirésias, o vidente. Aquele ali *[aponta Creonte]* trava uma guerra de pilhagem contra a longínqua Argos. Eu enfrento o desumano, quero enterrar meu irmão, e ele, Creonte, me aniquila. Mas a sua guerra, escapa ao seu controle. Eu peço a vocês que procurem na memória ações semelhantes do passado recente, ou então a falta de ações semelhantes. E então vocês verão como e porque nós, atores e atrizes, pisamos nesta pequena arena de jogo, onde antes sob as caveiras dos

animais sacrificados em cultos bárbaros, nos primórdios tempos, a humanidade fazia sua grande aparição.

CENA 27 • Cânone

[Música Piano Phase de Steve Reich. A atriz faz o exercício dos 12 tempos]

CENA 28 • Pra frente Brasil

[Música-colagem a partir de Pra frente Brasil (Miguel Gustavo), Público (Taiguara) e spots radiofônicos da Copa de 1970. Referência aos megaeventos esportivos como a Copa do Mundo de Futebol e as Olimpíadas]

CENA 29 • Continuo sonhando, 1976

[Ver Memórias do exílio, p. 315]

[A atriz olha para o relógio na parede]

36

Eu me chamo Maria Auxiliadora Lara Barcellos. Eu tenho trinta anos, nasci e me criei no Brasil, pra onde irei voltar, apesar de você. Meu pai tava sempre de passagem e minha mãe sempre em sua, sempre em sua, sempre em sua companhia. E a gente, por que não? Afinal, a maioria no Brasil está de passagem, procurando seu posto definitivo, mas as aranhas não dão chance, não dão sossego. Mandando a gente calar a boca, e seguir fugindo. Mas a gente faz diferente, só pra chatear: saí procurando a saída, sem calar a boca. Foi isso que eu fiz. Os senhores me perdoem, eu era criança e idealista. Hoje sou adulta e materialista, mas continuo sonhando. E não tem lei nesse mundo que vai impedir o boi de voar. Sou um boi marcado, uma velha “terrorista”. Fui aprendiz de feiticeira. Pisei no calcanhar do monstro, e ele virou sua pata sobre mim, cego e incontrolável. Fui uma das vítimas inumeráveis do monstro verde-amarelo de pés imensos de barro. Foram intermináveis dias de Sodoma. Me pisaram, cuspiram, me despedaçaram em mil cacós. Me violentaram nos meus cantos mais íntimos. Foi um tempo sem sorrisos. Um tempo de esgares, de gritos sufocados, um grito no

escuro. A apologia da violência. A luta pelo poder absoluto. A destruição do outro. O sacrifício dos bebês. Eu tinha comido um besouro. Ele zumbia dentro de mim furioso, pra me lembrar que a imaginação incomoda muita gente.

E aqui estamos, senhores.

Ps.: Maria Auxiliadora, Dorinha, se suicidou na Alemanha em 1976. Eu, Fernanda, tinha três anos.

[Música Internacional em valse musette. A atriz tira os sapatos e o casaco, que ficam sobre a cadeira]

CENA 30 • O tempo avança recuando

[Silêncio]

CENA 31 • Teatro

[Ver Martha Gavensky e Gustavo Wagner, Revista El Porteño, nº 18, Buenos Aires, 1983, p. 8]

Cena trinta e um: teatro.

Quando os presos políticos queriam fazer teatro, eles o reduziam a uma expressão estática, só falada, sem gestos. A imaginação dos espectadores fazia o resto. O narrador fala baixo. Sua voz, apenas mais alta que um sussurro, desliza e abarca todo o recinto. Baixa, para evitar que os guardas o escutem. Assim o homem apoiado na parede vai falando, descrevendo. Os outros, os homens sentados no chão, têm os olhos fechados, imaginam um cenário, uma situação. A voz que fala agora muda. Começa com “eu”, fica mais grave, é outro. Alguns dos sentados, os que imaginam, contraem os rostos com emoção. Quando se abre a porta do fundo do corredor e aparece o guarda da prisão, já no mesmo instante, a situação é outra. Os homens falam banalidades. O carcereiro não poderá saber nunca que aí, onde quase tudo é proibido, debaixo do seu nariz, os prisioneiros estavam fazendo uma obra de teatro. O guarda sai. O narrador volta a falar e, então, termina sua “fala”. Há uma pausa e depois

ele diz, já com outra voz: - cortina! As mãos dos homens sentados se elevam, e começa um aplauso silencioso: aplauso sem juntar as mãos, apenas abrindo e fechando os dedos das mãos, altas, separadas.”

CENA 32 • Calor

[Termômetro]

São 22 horas e 45 minutos. A minha temperatura agora é de 37,5 graus.

CENA 33 • Coda

[Música I Can See Clearly Now (Johnny Nash). A atriz veste todas as camisetas que tirou no início da apresentação]

Eu sou os que foram.

[Último cânone: Sumer is icumen in, século 13. Últimas imagens: criança no balanço, filha de desaparecidos políticos]

Cortina!

DUAS DEFINIÇÕES PARA CÂNONE:

Forma musical baseada na imitação, uma melodia é executada em duas ou mais partes diferentes, repetindo-se indefinidamente.

Composição musical que em sua forma mais simples, consiste na imitação do tema inicial a intervalos determinados. Proveniente da Idade Média, os cânones assumiram uma grande complexidade e encontraram sua maior expressão na música contrapontística de J. S. Bach, sobretudo em sua Arte da fuga.